

além do perdão

*reflexões sobre Atonement
curando o passado
fazendo reparações
e restaurando o equilíbrio
nas nossas vidas e no mundo*

*Phil Cousineau - organizador
Prefácio de Huston Smith*

ALÉM DO PERDÃO

REFLEXÕES SOBRE ATONEMENT

Phil Cousineau - organizador
Huston Smith - prefácio

tradução de Dinah Azevedo

1a. edição



Barany
Editora

São Paulo

2015

Copyright 2011 © Phil Cousineau
Todos os direitos reservados
Publicado no Brasil conforme acordo com Willey and Sons
Título original: Beyond forgiveness - Reflections on Atonement

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

Direção editorial: Júlia Bárány
Tradução: Dinah Azevedo
Preparação: Barany Editora
Revisão: Barany Editora
Diagramação: Barany Editora
Capa: Barany Editora
Foto da Capa © Teruko Kanto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Elaboração: Aglaé de Lima Fierli, CRB-9/412)

Z51t Cousineau, Phil, ed. -
Além do Perdão : reflexões sobre Atonement/ Phil Cousineau ed.; tradução de Dinah Azevedo- 1. ed.
São Paulo: Barany, 2015.
272p.; 16 x 23
Título original: Beyond Forgiveness
ISBN: 978-85-61080-50-1

1. Ética. 2. Solução não-violenta de conflitos. 3. Perdão e reparação. 4. Terapia espiritual. I. Título. II. Bárány, Júlia, trad.

CDD 170

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Ética; Terapia Social 170
Saúde social : Psicologia Aplicada 158
Terapia espiritual 615.8



Livro para ser Livre

Todos os direitos desta publicação reservados à Barany Editora (c) 2015
contato@baranyeditora.com.br
www.baranyeditora.com.br

Perdoar é melhor do que se vingar.
- Heráclito (535-475 a.C.)

Encontre uma pessoa como você. Encontre outras.
Jurem que nunca se abandonarão.
Compreenda que qualquer discórdia entre vocês
significa poder para aqueles que lhes querem mal....
Hoje é o dia do perdão¹; mas será que as minhas pessoas vão me perdoar?
Se uma nuvem soubesse o que é solidão e medo, eu seria esta nuvem.
- Adrienne Rich, *Yom Kippur* 1984

¹ N.T. No original, *atonement*, traduzido aqui por perdão por ser esse o termo usual para Yom Kippur em português. Mas todo este texto é um estudo tão exaustivo deste termo, com um leque tão grande de significados possíveis – todos importantes –, que achamos melhor não traduzir as ocorrências seguintes, mantendo-as no original e deixando que o texto fale por si – as exceções são relativas ao uso do verbo *to atone*, compreendido aqui como fazer reparações.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação de informações ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, ou através de fotocópia, gravação, escaneamento ou outro, exceto quando estiver de acordo com a Seção 107 ou 108 da Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos e com a permissão por escrito do editor, ou autorização dada por meio de pagamento dos honorários cobrados por exemplar para o Copyright Clearance Center, Inc., 222 Rosewood Drive, Danvers, MA 01923, 978-750-8400, fax 978-646-8600, ou feito via Internet no endereço www.copyright.com. Os pedidos de permissão feitos ao editor devem ser enviados para Permissions Department, John Wiley & Sons, Inc., 111 River Street, Hoboken, NJ 07030, 201-748-6011, fax 201-748-6008, ou online: <http://www.wiley.com/go/permission>.

Os leitores precisam se lembrar de que os sites da Internet apresentados como citações e/ou fonte de mais informações podem ter mudado ou desaparecido entre o momento em que esse texto foi escrito e o momento em que for lido.

Limites da responsabilidade: embora o editor e o autor tenham feito de tudo a seu alcance na preparação deste livro, não se responsabilizam pela precisão ou totalidade dos conteúdos deste volume e não assumem – especificamente – nenhuma garantia de comerciabilidade ou adequação para um propósito particular. Nenhuma garantia pode ser criada ou ampliada por representantes de vendas, nem por material escrito de vendas. Os conselhos e estratégias contidos aqui podem não ser apropriados para as suas atividades. Você deve procurar um profissional quando for o caso. Nem o editor, nem o autor podem ser responsabilizados por qualquer prejuízo financeiro ou outros danos comerciais, inclusive – mas sem se limitar a – danos especiais, incidentais, consequenciais e outros.

Como uma romancista poderia chegar ao *atonement* se, com seu poder absoluto de decisão sobre os fins, ela também é divina? Não há ninguém, nenhuma entidade ou forma superior para a qual apelar, ou com a qual se reconciliar, ou que possa perdoá-la. Não há nada fora dela... Esta sempre foi uma missão impossível e era este exatamente o x da questão. A tentativa era tudo.

– Ian McEwan, *Atonement*

Para Bob Schneckenger, meu chefe na Industrial & Automotive Fasteners de Detroit, cujas experiências e histórias de um Boia Verde no Vietnã foram as minhas primeiras lições penosas sobre a necessidade de chegar à verdade e à reconciliação em todas as nossas guerras.

Sumário

PREFÁCIO – Atonement – um caminho espiritual – Huston Smith

INTRODUÇÃO – O próximo passo no caminho do perdão e da cura – Phil Cousineau

APRESENTAÇÃO – O renascimento de uma consciência antiga – Richard J. Meyer

PARTE UM – Perdão e Além

1. *O perdão enquanto forma de liberação espiritual* – Michael Bernard Beckwith
2. *A sabedoria do atonement* – Jacob Needleman
3. *Temos condições de resolver o problema – coração, inteligência e ação na luta por atonement* – Michael N. Nagler
4. *At-One-Ment: um processo de reintegração* – Diane Hennacy Powell
5. *Pôr uma pedra em cima: rituais e cerimônias de atonement* – Kate Dahlstedt
6. *O passo crucial: perdoar o outro e perdoar a si mesmo* – Katharine Dever
7. *Os doze passos para chegar ao atonement* – autor desconhecido

PARTE DOIS – Histórias de atonement

8. *Lembranças de meu avô: Atonement à moda de Gandhi* – Arun Gandhi
9. *A cura das feridas da guerra: práticas de atonement para veteranos* – Edward Tick
10. *Depois da morte do meu filho: minha viagem de perdão e atonement* – Azim Noordin Khamisa
11. *Dez dias de atonement* – Rabino Michael Lerner
12. *A grande lei da paz dos iroqueses: atonement entre os haudenosaunee* – Douglas M. George-Kanentiio
13. *Conversa sobre a minha geração: o novo rosto do atonement* – Stephanie N. Van Hook

14. *Reverências budistas e atonement* – Reverendo Heng Sure

CONCLUSÃO – Atonement criativo em épocas de perigo – James O’Dea

Os colaboradores

O organizador

O Projeto Além do Perdão

Agradecimentos

PREFÁCIO

Atonement: um caminho espiritual

Huston Smith

Chegar a se arrepender não significa apenas ficar consternado. É necessário dar marcha à ré – voltar a toda velocidade para reverter a tendência humana de cada um ficar na sua, como mostra a história apresentada a seguir sobre um monge zen do século XX.

Este monge vivia como recluso numa cabana na encosta de uma montanha. Seus únicos pertences eram o manto, as sandálias de palha e a tigela com que mendigava para comprar comida na aldeia que havia ali perto. Depois que um ladrão lhe roubou as sandálias e a tigela, à noite ele escreveu os seguintes versos:

*A lua ainda brilha
em minha janela,
a salvo do ladrão.*

Seu desaparego, demonstrado por este haicai, era um dos motivos para ele ser venerado pelos aldeões.

Certo dia, quando o monge fazia sua caminhada diária em busca de comida, uma mulher o convidou para almoçar com ela e com seu filho, no qual (explicou ela antes de entrarem) ela tinha esperança que o monge desse um jeito, pois o moço era um delinquente e era claro que estava procurando encrenca.

O filho foi chamado, mas parecia não ter se dado conta da presença do monge – ficou olhando fixamente para a mesa durante toda a refeição. O monge também ficou em silêncio enquanto todos eles comiam. Mas, quando o monge estava se preparando para ir embora, o filho concordou finalmente em cumprir o seu dever de anfitrião. Quando se abaixou para amarrar as sandálias de palha do monge, sentiu uma gota de água quente cair-lhe na cabeça. Erguendo os olhos, viu lágrimas escorrendo pelo rosto do visitante. A compaixão do monge pelo que o destino reservava ao jovem levou-o a se corrigir.

Essa história verídica é um belo exemplo do “poder que se torna perfeito na fraqueza”, que São Paulo exaltou no Novo Testamento, e dá o diapasão para o significado de *atonement* que estou tentando apresentar. À parte de Deus, que é amor, o amor é uma resposta a um amor de que alguém foi alvo. E a demonstração mais cabal do amor primeiro é fazer o outro saber que sua pessoa sente a mesma dor que este outro sofre – no caso de Deus, infinitamente, pois Deus não faz nada pela metade.

Na história zen, quando a lágrima cai, o filho se dá conta – na verdade, sente – o sofrimento, a dor do monge. O choro do monge foi um ato redentor porque abriu o coração do filho e impediu-o de continuar girando única e exclusivamente à volta de si mesmo. As lágrimas do monge abriram o coração do filho para o sofrimento de outra pessoa.

Essa história ilustra a maneira pela qual a compaixão nos permite sentir o que o outro sente, o que, por sua vez, permite que o perdoemos, e que perdoemos a nós próprios enquanto percorremos o caminho espiritual.

O que as tradições de sabedoria nos dizem é que estamos em boas mãos. Por gratidão, somos chamados a aliviar a carga uns dos outros, e a nos perdoarmos uns aos outros, e é por isso que há uma ênfase no perdão e no *atonement* em todas as religiões do mundo.

Lembro-me de um ex-aluno meu, Douglas George-Kanentiio, membro da tribo iroquesa, dizer-me, durante o Parlamento das Religiões do Mundo de 1999, na Cidade do Cabo, África do Sul, que o grande presente que havia recebido de nossos momentos lá foi o seu encontro com a Comissão da Verdade e da Reconciliação, organizada pelo Bispo Desmond Tutu e por Nelson Mandela. Declarou ter se sentido tão inspirado

pelo que os sul-africanos tinham conseguido com seus atos de perdão, reparação e compromisso com a não-violência, que ficou com vontade de tentar aplicar suas recomendações à situação de seu próprio povo. Os iroqueses haviam sofrido violência, discriminação e racismo semelhantes àqueles de que os sul-africanos negros tinham sido vítimas, e agora era importante que seu povo descobrisse novas formas de perdão e reparação, além de ressuscitar as formas tradicionais de justiça restaurativa. Reunir pessoas que precisam fazer as pazes é algo que exige o reconhecimento e a aceitação de nossos próprios defeitos, de nossas próprias falhas, de nossas próprias imperfeições. No âmago do *atonement*, que traz em suas raízes a ideia de *reconciliação*, está a restauração de nossa integridade.

O poder dos atos de perdão e *atonement* reside no reconhecimento de falhas em todos nós, sem exceção, bem como a percepção de nossa unidade fundamental. Quando estamos *at-one*, isto é, quando estamos em comunhão, em harmonia, estamos unidos, estamos lado a lado, estamos juntos. A percepção de nós próprios como criaturas distintas é ilusão, é aquilo que nossos sentidos nos dizem. Como afirmavam os antigos, os sentidos são testemunhas falsas. Numa versão poética, “A vida é real, a vida é pra valer/ e as coisas não são o que parecem.”

É como se estivéssemos olhando para um céu sem nuvens através de uma claraboia na qual nove folhas de vidro são fixadas por duas barras verticais e duas horizontais. Olhando por essa claraboia, vemos o céu dividido em nove partes. Mas é claro que o céu propriamente dito não é dividido dessa maneira. Nem nós.

Bem vindo a esse livro importante de Phil Cousineau.

phil cousineau

Comentários da mídia sobre Além do perdão

“Não o largue – deixe este livro abrir seu coração, essa é que é a melhor de todas as transformações. Trabalho duro, sem dúvida, mas vale muito a pena. As histórias belas e corajosas contadas aqui – como a das lágrimas do monge na cabeça de um adolescente soturno (que abre este livro), assim como as lágrimas de James O’Dea no metrô, quando lia Thomas Merton (que o fecha) – vão lhe dar coragem, força para o salto, para o telefonema, para a comunhão.”

– Coleman Barks, autor de *Rumi: The Big Red Book*

e

The Essential Rumi

“Você não vai conseguir ler este livro sem aceitar um desafio espiritual – o desafio é ver até a mais horrível atrocidade cometida contra nós num contexto mais amplo, mais transparente, mais perene. Este livro está cheio de histórias de coragem e transcendência espiritual que vão além de todas as fronteiras culturais e religiosas para nos mostrar a universalidade daquilo que é verdadeiramente espiritual na espécie humana. Phil Cousineau tem um instinto infalível para tópicos que pulsam com o ritmo penoso, mas vital, de nosso tempo.”

– Stephen Larsen, PhD, autor de *The Fundamentalist Mind: How Polarized Thinking Imperils Us All*

e

coauthor de *A Fire in the Mind: The Life of Joseph Campbell*

“Quando alimentamos pensamentos de violência ou ódio, ou queremos uma vingança ou retaliação, contribuímos para lesar o mundo; quando transformamos esses pensamentos em perdão e compaixão, e depois vamos além deles para fazer de fato correções ou reparações, contribuímos para redimir o mundo. Este livro Phil Cousineau é muito oportuno, impactante e compassivo, e nos mostra um caminho para a redenção.”

– Deepak Chopra, autor de *The Book of Secrets*

e

The Path to Love

“Nada vai nos ajudar mais a sobreviver à era contemporânea do que entender que precisamos acabar com os ciclos de violência; quando nossa alma anseia pela cura, um simples perdão acaba sendo muitas vezes uma solução imperfeita para uma reconciliação mais duradoura. Há muito tempo acreditamos que mais um passo é necessário para a nossa transformação, um passo que Phil Cousineau revela aqui como o outro lado do perdão no antigo ritual de *atonement*. Acredito que este livro é o próximo passo vital para a construção de um mito moderno sólido de reconciliação profunda. É um livro extraordinariamente importante e eu lhe dou as minhas bênçãos.”

– Robert A. Johnson, autor de *He, She, Transformation*

e

A Slender Thread

“*Além do perdão: reflexões sobre o significado de atonement* é um livro inspirador, prático e cativante, pertinente para a nossa época. Cousineau escreveu um livro profundo e impactante que nos faz pensar sobre o que precisamos perdoar em nós e nos outros; e a considerar o *atonement* e o que ele desperta no espírito humano.”

– Angeles Arrien, PhD, autor de *The Second Half of Life*

Introdução

O próximo passo no caminho do perdão e da cura

Phil Cousineau

Ao longo da história, as pessoas foram obrigadas a tomar decisões difíceis – e até trágicas – sobre a maneira de reagir aos sofrimentos pelos quais passaram nas mãos de outros seres humanos – ou àqueles que elas próprias infligiram a outros.

Muitas e muitas vezes nos deparamos com o dilema sobre a forma de responder à crueldade e ao sofrimento que impregnam a nossa vida. É caso de perdoar ou de nos vingar? Devemos fazer as pazes ou partir para uma represália? Temos condições de conviver com nossos inimigos ou devemos cobrar olho por olho e dente por dente? E quanto ao mal que nós fizemos? É possível desfazer ou compensar o mal que espalhamos pelo mundo?

Desde a aurora dos tempos, as diferentes culturas resolveram seus conflitos e fizeram justiça à sua própria moda. Tradicionalmente, houve dois caminhos profundamente divergentes – castigo ou reforma – cujas raízes estão na vingança e no perdão, respectivamente. A primeira implica antagonismo e oposição. A segunda, compaixão e cooperação. A diferença entre elas é dramática. Como diz um provérbio chinês, “Se você está decidido a se vingar, cave dois túmulos” – um para o seu inimigo e outro para você. A vingança enterra-nos na amargura; o ódio faz a gente mergulhar na raiva.

Embora a vingança tenha tido a parte do leão em termos de atenção ao longo dos séculos, medidas mais ponderadas a conflitos pessoais ou coletivos também têm sido praticadas. O instinto de vingança pode ser tão velho quanto o mundo, mas o impulso para a reconciliação corre como um antigo rio subterrâneo. E, assim como “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, atos de compaixão também podem dissolver o ódio, a demonstração do remorso pode induzir o perdão e as reparações podem aliviar a culpa.

Nenhum desses caminhos é fácil.

E, num mundo que enfrenta ciclos de violência aparentemente intermináveis, também não encontramos muito estímulo para pedir perdão, e muito menos dar o nosso a alguém que nos lesou. Mas, se perdermos o momento de uma reconciliação verdadeira, perdemos a chance de nos curarmos e de ir além da amargura e da culpa que podem asfixiar a nossa vida.

Apesar de todas as pressões para nos vingarmos – da força das crenças religiosas à violência da mídia, movida a testosterona – continua existindo um leque impressionante de alternativas. Muitos cientistas e filósofos ilustres questionam agora a ideia antiga de que os seres humanos foram programados para a violência, condenados pelo que o antropólogo Robert Ardrey chamou de “o imperativo territorial”, expressão agora célebre, ou vitimados pelo que foi batizado de “o fenômeno da semente do diabo”, ou paralisados pelos “genes egoístas” que, segundo dizem, determinam nosso destino.

Em vez dessas coisas, temos provas amplas e encorajadoras de que “Tendência não é destino”, como concluiu ousadamente o eminente microbiólogo René Dubos em *A God Within* [Um Deus interior].

Antonio Damasio, professor de neurociência da University of Southern California e diretor de seu Instituto do Cérebro e da Criatividade, acredita que nossos primeiros ancestrais teriam muito mais chances de sobreviver se conseguissem socorrer um amigo que precisasse de ajuda, ou se tivessem compaixão por um inimigo que estava se contorcendo de dor. Susan Griffin também acredita que pesquisas sérias revelam que os seres humanos podem mudar – e mudam de fato – até mesmo posturas violentas e egoístas profundamente arraigadas. Em seu livro *A Chorus of*

Stones: The Private Life of War [Um coro de pedras: a vida privada da guerra] – que ganhou o Prêmio Pulitzer, ela diz que “Talvez seja uma opção que cada um de nós faz muitas e muitas vezes, e até mesmo muitas vezes durante um único dia: usar o que sabe como poder ou como intimidade.” Na verdade, é cada vez mais volumosa a evidência de que a necessidade de agir de forma altruísta e de viver cooperativamente estava entre as forças transcendentais que ajudaram nossos ancestrais a se libertarem do poder da força bruta e a nos reunir em tribos e comunidades. Em nossa época, muitos políticos e líderes espirituais aconselharam-nos fervorosamente a praticar o perdão, pois ele ajuda a cultivar as faculdades da empatia que consolida nossas relações mútuas. Embora o ódio e a violência tenham feito correr muito mais tinta, dos épicos de Homero aos romances de Cormac McCarthy, práticas sofisticadas de perdão, baseadas na compaixão, na comutação da pena, na anistia, na clemência, na misericórdia, na absolvição, na reparação e na justiça restaurativa também chamaram muita atenção e exerceram uma influência enorme. Na Grécia antiga, *metanoia* designava uma mudança súbita de ideias, mas também podia significar *arrependimento*. O termo operacional é *mudança*, o núcleo do drama que revela a maneira pela qual podemos reagir à violência de forma criativa e misericordiosa.

Há 2.500 anos, o Buda disse que “O ódio nunca vai desaparecer enquanto a consciência alimentar ideias de vingança. O ódio vai desaparecer assim que as ideias de vingança forem esquecidas.” “Perdoai-os, pois eles não sabem o que fazem”, disse o Cristo ao morrer na cruz. O Corão afirma: “Pratique o perdão, exija o que é certo; mas afaste-se dos ignorantes.” À Madre Teresa devemos a seguinte frase: “As pessoas são ilógicas e egoístas. Perdoe-as assim mesmo.” Dag Hammarskjöld, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz, disse: “O perdão é a resposta ao sonho infantil de um milagre, por meio do qual o que está quebrado fica inteiro de novo, o que está manchado fica limpo de novo”. Na primavera de 2009, Zainab Salbi, um iraquê-americano que trabalha com mulheres vítimas da guerra, declarou: “Acho que precisamos perdoar em nome de nossa própria saúde e de nossa própria recuperação. Sem o perdão, é difícil seguir em frente.” Recentemente, Huston Smith, o ilustre historiador da religião, escreveu:

“Portanto, o poder do ato de perdoar é o reconhecimento do defeito de todos nós.”

No entanto, não há como nos livrarmos de um sentimento incômodo. Perdoar é nobre; ser perdoado pode ser um alívio. Mas é claro que deve haver algo mais na reconciliação entre pessoas lesadas; caso contrário, indivíduos, famílias e culturas inteiras não teriam sido torturados por ciclos de violência ao longo da história. Tão indispensável quanto o perdão para o processo de cura, outra ação igualmente profunda é necessária para uma reconciliação verdadeira, que Arun Gandhi, neto de Mohandas Gandhi, chama de “o outro lado da moeda”. Ao virar a moeda do perdão, descobrimos o *atonement*, a metade semiescondida e quase sempre ignorada do processo de reconciliação. *Atonement* é o ato que *demonstra* a profundidade de nosso desejo de sermos perdoados, ou de perdoar; é o processo de endireitar as coisas, a restauração de algo que se pareça com equilíbrio em nossa vida.

“Se alguém rouba a minha caneta e a usa durante um ano”, disse o Arcebispo Desmond Tutu em 1987, “mas, estando arrependido, procura-me e devolve-me a caneta e pede perdão, minha resposta é pedir uma compensação pelo uso da minha caneta, pela tinta que gastou e como prova de contrição/arrependimento por parte do ladrão.”

Parafraseando a célebre declaração de Tutu sobre a luta contra o apartheid, “O perdão possibilita o futuro”, diríamos que o *atonement* possibilita o *presente*. Um gesto tão simples quanto substituir uma caneta roubada, ou tão complexo quanto indenizações de guerra, torna o momento presente não só melhor, mas *tolerável*. Sem oferecer àqueles que nos fizeram mal, por mais terrível que tenha sido, a chance de endireitar as coisas, ou sem nos dar a oportunidade de reparar o mal que causamos, por maior que tenha sido, ficamos presos ao passado; sofremos de uma espécie de “ferrugem da alma” e não temos condições de viver plenamente o momento presente. O verdadeiro segredo da resolução de conflitos é reunir essas duas práticas, a do perdão e a do *atonement*, sempre que elas tiverem sido separadas como pedaços de madeira cortadas do mesmo tronco, até podermos dizer, no espírito do bardo irlandês Van Morrison, que “a reabilitação já teve início.”